

Alerta

MUNICIPIO DE BARCELLOS
BIBLIOTECA

REVISTA MENSAL DE PROPAGANDA LIVRE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Campo da Feira, 14-2.º



DIRECTOR-REDACTOR UNICO

DOMINGOS FERREIRA



EDITOR RESPONSAVEL

Fernando Monteiro

Collaboradores: — Alfredo Gallis, Angelo Jorge, Arnaldo Pereira, Arthur Doria, Eduardo de Aguilar, Gomes Leal, Gonçalo Araujo, Heliodoro Salgado, Joaquim Leitão, Lucinda Ribeiro, Manoel Novaes, Maria Prado, Martins Lima, Miguel Bombarda, Oliveira e Silva, e outros

Typographia Minerva — Famalicão

SUMMARIO: — Chronica. — O Patriotismo, *Charles Albert*. — Academia das Siencias (versos), *Gomes Leal*. — A cobardia collectiva, *Angelo Jorge*. — Evolucionando, *M. Oliveira e Silva*. — A Igreja e a Escola. — Excerpto, *Oliveira e Silva*. — Extractos e Pensamentos. — O Odio (versos), *Heliodoro Salgado*. — Cruz e Espada, *Eduardo de Aguilar*. — O momento psychologico, *Arthur Doria*. — Archivo internacional. — Archivando.

Chronica ⁽¹⁾

O NOSSO PROTESTO

(L.EDITO)

ENTRE OS numerosos absurdos que o Catholicismo impõe como um dogma, um ha que, por ser da actualidade, nos merece a honra de ser o assumpto da nossa chronica d'hoje. Vamos referir-nos á rendosa bulla, que a Igreja classifica de Santa Cruzada. No longo numero de indulgencias que na mesma bulla se descrevem, e onde se manifesta claramente o espirito ambicioso do clero, algumas ha que nos mereciam especial reparo, se não condemnassemos no geral a citada bulla. Instituida para um fim completamente inutil — pois nada lucra a Humanidade com a existencia de igrejas mais ou menos luxuosas, com muitos ou poucos ornamentos, rica ou pobre de paramentos espalhafatosos, — o auctor da bulla tentou dar um testemunho do seu immenso poder, não permittindo aos

apostolos da sua religião a escolha das eguarias em dias determinados e annunciados opportunamente, em varios reclames, pelo alto e baixo clero. A ideia era duplamente feliz; não só viria contribuir para o augmento de colossaes riquezas que se somem em faustosas devassidões, como patentear uma auctoridade que era, n'outras eras, a gloria da Igreja. Dar-se-lhe-ia um caracter de humanitaria, dizendo ser para custear as despezas com os seminarios, que a benevolencia publica permite existirem por esse reino.

N'um paiz de fanatismo, onde tudo impera menos a Luz, tudo se admite, tudo se consente; e a bulla, sem utilidade humanitaria nenhuma, produziria o resultado desejado, isto é, uma fonte de receita inexaurivel, onde a ambição clerical encontrasse uma satisfação, onde abundassem recursos monetarios para saciar desejos sensuaes e criminosos. O resultado pratico ultrapassou todas as previsões; d'um extremo ao outro do paiz a bulla tinha uma venda espantosa, um consumo extraordinario. A ideia theorica foi acolhida com regosijo; a ideia pratica foi saudada brilhantemente, com a entrada de centenas de contos nos cofres do clero. Era mais um absurdo que a Igreja impunha, e que o fanatismo boçal acolhia com verdadeiro jubilo.

* *

Afinal n'um paiz de doidos tudo é bem accete. A bulla só concede indulgencias a quem a pagar: o miseravel pária que procura na solidão da noite um albergue onde se agasalhar, morrerá vilipendiado porque não tem dinheiro para pagar a indulgencia para os peccados que commetteu.

(¹) Pela superabundancia de orginial, deixamos de publicar no numero passado esta chronica.

E' este o absurdo, evidentemente flagrante, da bula da Santa Cruzada: põe a claro a ideia que invadiu o espirito do auctor, indicando o verdadeiro fim para que foi creada: — todo o peccado tem indulgencia desde que se pague a peso de oiro. A bula não é pois um producto da fé catholica: é uma mercadoria commercial, indispensavel em todos os lares domesticos, mas dispensavel a todos os espiritos sensatos.

Devastam o paiz terriveis enfermidades e deploraveis miserias: não se criam para suavisar estes males cruzadas bemfazejas, organisadas pelo clero e por elle constituídas; enferma o paiz de um mal manifesto e incontestavel — a ignorancia do povo: não se organisam para evitar esta calamidade asylo-escolas, onde se ministre a instrucção e se dê agasalho ao miseravel. Em compensação instituem-se bulas cujo producto vae augmentar o fausto e a riqueza, que o clero exhibe com singular egoismo. E, ironia tristissima, o povo, que concorre poderosamente para a ostentação do culto catholico, abandona vilmente, esquecendo todos os seus deveres humanitarios e naturaes, os desherdados da fortuna, os párias do destino, que a infelicidade collocou na immensa roda da desventura.

O Patriotismo

(AUCTOR — CHARLES ALBERT)

O patriotismo official, aquelle que se ensina nas escolas, é uma religião, e como toda a religião, é ao mesmo tempo uma mentira e um meio de escravidão.

Quando os burguezes, nossos actuaes senhores, se apoderaram do poder ha mais d'um seculo, sabiam muito bem que a religião, isto é, o fanatismo, é um excellente meio de governar os homens. Por' isso apressaram-se a substituir o fanatismo Deus que elles proprios tinham arruinado, pelo fanatismo Patria. Quando somos muito pequenos, inculcam-nos com o maior cuidado, o amor pela patria. Mas ha o cuidado de fazer com que este termo não corresponda a coisa alguma de preciso, que seja para nós alguma coisa de indeterminado e vago. E' o idolo terrivel e mysterioso, ao qual nos mandam sacrificar tudo, sem que nós possamos comprehender porquê.

Com grande reforço de phrases empolladas tornam-nos escravos d'uma palavra, d'uma palavra vasia de sentido. Em seguida po-

derá dizer-se, invocando esta palavra, tudo quanto se quizer, occultando por detrás d'ella tudo que se quizer occultar. Basta pronuncial-a para nos conduzirem a todas as aventuras, para nos fazer absolver todos crimes.

E' o que tem acontecido.

Por meio d'esta palavra, troçam-nos e exploram-nos, subjugam-nos e emrutecem-nos, maltratam-nos e reduzem-nos á fome, isto de paes a filhos, ha mais d'um seculo.

Não ha infamia ou crueldade, negocio suspeito, programma falso, instituição oppressora, que não tenha tido esta palavra por divisa.

E' pela patria que nos encerram durante tres annos n'uma verdadeira prisão, a caserma, quando nos não fazem morrer de insolação no campo de manobras, ou nos fazem metralhar no campo da batalha. E' pela patria que nos esmagam com impostos e é pela patria que os intrujões ávidos do nosso dinheiro nol-o pretendem extorquir. E' pela patria que se trabalha doze e quatorze horas n'um trabalho de bestas, em troca d'um salario faminto.

Não é para que os chamados productos nacionaes triumphem no mercado internacional, que os operarios devem morrer de fome a trabalhar?

O que não impede, por outro lado, que os patrões patriotas contractem operarios estrangeiros se ganham mais com isso, ou prefiram empregar materiaes e productos do estrangeiro se isso lhes faz mais conta.

Academia das Siencias

(INEDITO)

Entro na Academia e tiro o *côco* com um respeito augusto á Assembléa. Oigo bastos discursos de mão cheia, e um barbudo orador bastante rouco.

Discutia-se um peixe — Era o *charrouco*. (*) E eis que um ratão com ventre de baleia manda-o escrever com *x*. — Com cara feia outro respinga que ácha o *x* bem pouco.

Depois de tão pindárica eloquencia, disse-me um sábio então: Vossa excelencia não ácha á Academia um raro fundo?...

Trávo do *côco* e berro com voz forte: «Acho-a dama conspicua e de tal póрте — que nunca d'ella dirá nada o mundo!»

Lisboa, 17-5-905.

GOMES LEAL.

(*) O dicionario da Academia ficou na palavra *azurrar*. Todavia, depois do *A*, parece que se tem discuido já o *B* e o *C*, o que prova assás bem que a douta corporação não é analfabeta.

A cobardia collectiva

(INÉDITO)

E' uma dolorosa, esfarpante impressão, a que em Portugal experimenta todo o homem que um dia, n'uma ancia desbordante de Verdade e de Justiça, entendeu pôr de banda mesquinhas convenções sociaes, pequeninos preconceitos de familia e d'educação, e, cheio do fogo sagrado do entusiasmo que a nitida comprehensão de um Ideal communica aos seus adeptos, se deu a batalhar pelos que soffrem, pelas victimas indefesas de toda a escravidão e de toda a iniquidade, contribuindo, assim, quer pela penna quer pela palavra, para a reforma social, para a evolução progressiva da Humanidade. Essa dolorosa, esfarpante impressão, é-lhe determinada pelo espectáculo dissolvente da indifferença indigena a que vae assistir, pela estupidez das maiorias, pela nauseabunda cobardia collectiva com que, para logo, ha de esbarrar e que esforços inauditos dispensará afim de lhe tolher o passo, de lhe paralyzar a penna, de lhe tapar a bôca, de lhe segurar o braço... Isto é uma raça espúria d'escravos sem valor e sem dignidade, que outr'ora descobriu mundos e pelejou com energia máscula, mas que alguns séculos de fanatismo e d'ignorancia reduziram á passividade melancólica da besta lazarenta.

Não é um paiz, Portugal: é uma mangedoira.

Não é um reino, uma monarchia constitucional, com logar assente nas cartas geographicas: é um theatrinho de feira, com marionetes movidos a cordel.

Brada-se que se tem fome, que se soffrem injustiças, que a vida é um manancial inexaurível de desgostos e calamidades, que os governos tripudiam sem pudôr, — brada-se por tudo e por qualquer coisa. Pura rethorica. Méra verborreia. Simples logomaquia.

Em se tratando de qualquer acção, por minina que seja, esses mesmos que tão sonoramente palram são os primeiros a encolher o rabo, timoratos, a macular, irreverentemente, a brancura hygiénica das ceroulas. Um homem, abrasado em séde inextinguível de Verdade, dispende energias vitaes em vigílias sem conta, a estudar, a aprofundar a questão tão social, a documentar-se sériamente para o ataque á Iniquidade; escreve, lucta, trabalha, com sacrificios innumereveis, sob a constante ameaça das leis, e apenas encontra em troca a incomprehensão dos proprios por quem labuta, a indifferença do maior-numero, o sarcasmo dos

bem-comidos, o escarneo dos futeis, dos ignorantes, dos estupidos.

Olhae aquelle operario que além vae. E' um desgraçado. Faminto, esfarrapado, sem alegria, as maçãs do rosto salientes, o rosto amarello, a barba inculta. Não é um homem: é uma coisa. Uma miseria mental a dentro d'uma miseria physiologica. E' a victima de todas as extorsões e de todas as violencias. E' o eterno condemnado á fome e á desgraça. Como o lendario Judeu Errante, ha dois mil annos que anda sem descanso pelo mundo, atrás d'uma enxerga para repouisar, atrás d'um pão para comer.

Approximae-vos d'elle. Falae-lhe.

Contar-vos-ha toda a série infindavel de amarguras que ha experimentado, toda a avalanche d'imposições infames que sobre elle os patrões teem feito baixar.

Dir-vos-ha da sua vida com um ritus de agonia nas linhas do rosto, dir-vos-ha da vida dos patrões com um clarão d'odio a reluzir-lhe nos olhos.

Pois bem. Alentae-o; tratae de aproveitar essa indignação pela vida que assim se vos revela; contae-lhe os projectos que formastes de publicar um jornal, puxae d'umas tiras de papel onde, com melhor estylo e mais ideias, dizeis o mesmo que elle vos disse, condemnaes a vida iniqua que elle condemna, batalhaes por um altissimo Ideal de Regeneração Humana.

E então esse mesmo desgraçado, esse mesmo faminto, miseravel, essa victima de todas as injustiças e de todas as expoliações, ha-de affixar nos labios um risinho amarello, motejador, infinitamente bêsta, — o risinho de todo o ignorante que odeia de morte o trabalho e o valor alheio, — ha-de tentar desprestigiar-vos, com argumentos de cáca e poses de sabichão, no vosso estudo alquebrador, no vosso doloroso esforço mental, elle que apenas sabe rabiscar obscenidades na parede das sentinas, elle, o pobre-diabo, elle, o *coisa*, o zé-ninguem!

Não concebendo vosso altissimo Ideal, não o havendo estudado, não podendo, pois, comprehendê-lo, elle nem sequer vos dedicará a estima e consideração que lhe deveria merecer um homem que soffre com as dores alheias, que por o alheio direito á Vida trabalha e estuda, que pretende agarrar pelos cabellos a Verdade, para a mostrar, na sua nudez immaculada, aos olhos de seus semelhantes. Terá para vós o motejo indigno dos pascacios, o risinho vêsgo dos estupidos; o encolher de hombros do ôco e do indifferente.

Berra contra o patrão, em o apanhando pelas costas; lambe-lhe a graxa do calçado em elle se lhe deparando frente a frente.

Protesta contra *esses malandros d'esses burguezes*, e dá ex.^a ao primeiro encarto-

lado que lhe surge. Vozeia contra os padres, e vae, de domingo em domingo, lambendo o anus de qualquer padréca, para fazer jús a mais um pataco da bolsa do patrão, que é carola e socio da catholica.

Uma carneirada.

*
*
*

Eu bem sei que a culpa não é *d'elles*. Eu bem sei que o homem é um producto do meio, e que elles não podiam, fatalmente, deixar de ser aquillo que são. Isto em nada abranda a convicção inabalavel que possuo, ácerca do meu Ideal humano. Repartirei sempre com *todos elles* o meu pão, batalharei sempre por *todos elles*, mesmo pelos que, pessoalmente, me hajam melindrado ou offendido, na medida das curtas forças intellectivas com que a Natureza me dotou.

Mas não é verdade, meus amigos, que nos dá, por vezes, vontade de odear o homem por amor á Humanidade? Mas não é verdade que dá, por vezes, vontade irreprimivel de gritar bem d'alto a certos individuos: — Quereis ser capachos, quereis ser vermes, quereis ser miseraveis de corpo e d'espírito? Pois bem: sêde-o á vossa vontade!

Mas não discutaes commigo o que não comprehendéis, mas não tenteis tolher-me o passo com futilidades e ironias de cretino.

Abri caminho! Deixae passar — que aqui vae um homem!

ANGELO JORGE.

Evolucionando

(INEDITO)

ESTAVA tudo nas trevas. Tudo dormia o somno da estupidez...

Uma alvorada de luz immensa brotou como explosão divina e tudo viu o seu estado...

As mulheres, escravizadas, gemiam sob os ferveores que o seu sangue esquentado lhes impunha. O homem sem luz, sem vida, vivia sob o jugo ferreo da ignorancia...

Mas oh! tudo se desvendou: A mulher mais livre, mais heroica e prestavel; o homem, mais conhecedor e mais cumpridor dos seus deveres...

A mulher, é a carreta enorme, grande, ingastavel que nos conduz para as maiores luctas. O homem é a sagração infinda de tudo quanto é maravilhoso e natural...

Multiplicaram-se os mundos e multiplicaram-se as gerações... Rasgaram-se as trevas em esgares violentos de claridade e sur-

giu uma nova vida e triumphou o pensamento... O pensamento é livre —, como são livres as evoluções da natureza... A natureza é materia; e o pensamento é a alma de tudo, palpavel e impalpavel, que se não vê — mas que se sente... Pensar e sentir, eis a eternidade!

Nem uma e outra coisa jámais deixarão d'existir...

E assim, eu, pensando, caminharei para um novo e proximo estado de perfeição —, e sentindo, avançarei, celere, para a vanguarda dos protestantes e dos opprimidos, evocando a *revolta*.

Manãos, 25 de março de 1905.

M. OLIVEIRA E SILVA.

A Igreja e a Escola ⁽¹⁾

(INEDITO)

CADA escola que surge é, para a mãe da hypocrisia, mais um dogma que cae, mais uma folha do Evangelho que se esphacela. Qual ave nocturna, cae, prostrada, quando depara com a *Luz*. Assim é a Igreja, inimiga do *Progresso*, defensora de mentiras e superstições. Não lhe convem que a onda do progresso germine ideias novas nos cerebros ignorantes.

A ignorancia — mãe de todos os vícios — é a meta das suas victorias.

Detesta o movimento liberal que vae arrastando o povo para o caminho da *Verdade*, mostrando-lhe que trilhava, d'antes, sob falsas doutrinas, vivendo nas trevas.

Na Escola cinzelam-se os cerebros embrutecidos, ali demonstra-nos a *Sciencia* — verdadeira religião — mysterios scientificos considerados, pelos falhos de conhecimentos, como obra d'um deus inventado por ella.

A Escola demolidora das suas mentiras, mostra-nos, claramente, sem subterfugios, a estrada da *Razão* e da *Justiça*.

A Escola — mãe da trindade *Verdade, Justiça e Amor*, causa-lhe horror, medo, pois derrama seus raios vitalisantes pelo proletariado, quer com a leitura de bons livros, quer com jornaes ou conferencias.

A Escola — alma d'um povo — é a unica arma que a derrubará, sem sangue haver, nem luctas.

Trabalhem, unidos todos pela Escola, pois cada uma que surge é mais um dogma que cae, uma folha do Evangelho que se esphacela.

(1) Laica.

Excerpto

Do nosso amigo Oliveira e Silva, actualmente residente em Manãos, recebemos a carta que se segue, da qual não podemos deixar de transcrever os seguintes períodos, impregnados de verdade e analyse á actual sociedade:

RECEBI a revista, que, mesmo só pela epigraphie, desperta a attenção. Lã com cuidado e com aquelle prazer que sempre preside aos grandes arrojos e ás boas iniciativas. Não tinha nada que devessemos pôr de parte. As suas doutrinas, a sua defeza, aquelles períodos cheios de luz, as linhas brilhantes como espadas luzentas, o senso e são criterio como foi tratada a sua architectação—tudo isso me alegra e tudo isso será o bastante para que o meu e vosso ideal vá vencendo os preconceitos que são o eclipse de todas as aspirações.

Irmanou-se o meu pensar com o sentir da maior parte da humanidade. Sinto ás vezes assomos de revolta e não imaginas, meu amigo, como é custoso segurar uma máscara de indiferença... Não é raro, meu amigo, encontrar em pleno seculo XX um burguez endinheirado maltratando um seu irmão mais pobre mas mais rico em sentimentos—como não nos é custoso encontrar uma dama filha d'um conselheiro por invenção, desdenhando d'uma sua companheira de collegio mais simples e mais virtuosa, com um pae mais pobre mas com mais honra...

E infelizmente, meu amigo, não é sómente nas classes privilegiadas pelos pergaminhos bolorentos, ou pelas burras recheadas de dinheiro que nós encontramos o grande mal que corrompe a sociedade d'hoje e de amanhã: a seiva, a matéria de que esse grande polvo se alimenta somos nós—nós que brandamos ás armas, que nos infleiramos, que chamamos o povo, que gemê, á revolta, que luctamos, que vencemos... Um grande ideal triumpho sempre; mas a consagração da victoria é uma bandeira preta, a mortalha que o egoismo prepara... Lêr na historia do passado e confrontar a sociedade de hontem com a de hoje é tudo a mesma coisa. O cancro nasceu com os de hontem e alimenta-se com os de hoje... Não desconheces meu amigo, a historia do passado nem tão pouco os successos do presente...

Ha olhos que não querem vêr e cerebros que detestam o sentir. Um povo que geme não tem direito a viver; um homem que vê e pensa é um louco e uma besta da humanidade. E a humanidade que soffre, assiste a todo este vendaval d'improperios e insultos com a abnegação d'um Justo ou

com a indiferença dos inconscientes... Os que, muitas vezes, se conspiram e fazem côro com aquelles que teem alma para todos os arrojos são os mesmos que amanhã nos vão dar o osculo da traição... E não ha, meu amigo, nada mais triste, mais doloroso do que o calcar aos pés um Juramento da nossa consciencia ou entregar a bandeira d'um ideal aos inimigos do mesmo. Nós, clamamos: «Venha luz, muita luz!»—e parece-me a mim que quanta mais claridade mais gangrena. A rudeza consciencia vale muito mais do que uma civilização mal formada.

Os povos que representam a nossa raça não sómente vão degenerando physicamente, mas tambem mentalmente. Não é raro encontrarmos pessoas esclarecidas alimentando vãos preconceitos. A nossa raça, intimamente, vive escravizada: O nosso espirito vive ainda envolvido na monotonia d'um convento ou na hypocrisia d'um Jesuita. Não temos liberdade de vestir e somos obrigados a soffocar um sorriso espirituoso. Infelizmente nem rir sabemos!... E por que?!... —Em nome d'uma religião podemos de parte uma iniciativa, respeitando um titulo, um nome; perdemos a energia. E uma peça sem energia é a mesma coisa que uma luz sem ar... Mas tomemos ar, muito ar, meu amigo! porque do contrario morreremos asphyxiados. O lixo e a podridão é tanta que ninguem poderá jámais sanar os seus effeitos. Se tentarmos metter hombros a destruir toda essa agglomeração de excrementos moraes, por certo que iremos cavar uma derrocada, preparar uma hecatombe que nos fará succumbir, ou pelo menos não sairemos limpos...

Limitemo-nos, meu amigo, a lançar n'esta miseria alguns baldes d'agua, para que aquelles que teem sede de luz não percarn a coragem, e vamos preparando prosellytos que amanhã, pelo humero, pela disciplina, atejem o fogo a essas grandes pilhas de guano humano...

Extractos e Pensamentos

O homem (producto do mais culto desenvolvimento que a série animal tem attingido, progressivamente aperfeçoada pela selecção natural) emana do grupo dos mamíferos que mais se lhe approximam em sua organização: os quadrumanos.

CARLES VOGG.

Se o casamento civil tem algum defeito, é em não ser obrigatorio.

EX-PADRE JOÃO BONANÇA.

O Odio

[Inedito]

Homem! porque has de o teu irmão aborrecer,
se o Odio faz soffrer,
e só o Amor produz pacifica alegria,
e de ventura doce o espirito sacia? . . .

Se o mytho de Satan tomasse vulto
na existencia real;
se a mente humana restaurasse o culto
na terra ao deus do mal;

da loucura da fé esse episodio
caracterisar-se-ia bem,
consagrando por dogma o eterno Odio . . .

O velho Adão, porém;
tem visto já correr tão abundante
o sangue que, constante,
tem pelo mundo o Odio derramado,

que da concordia tem vivos desejos.
Trocae-vos entre vós fraternaes beijos!
Apenas é feliz quem tem amado! . . .

Amae todos os homens! Recordae-vos
das palavras finaes de S. João,
legadas por lição
aos p imeiros christãos: «Filhos! amae-vos!»

Quem odeia, a sua alma não descansa,
não goza d'um momento de prazer,
a vida é-lhe tormenta sem bonança! . . .

Pois a quem é que o Odio faz soffrer? . . .

O Odio nunca sae do subjectivo.
Tanto mais odiaes, assim soffreis,
e o objecto d'esse odio é sempre esquivo
a esse affecto ruim no qual ardeis . . .

Amae! amae! amae tudo o que existe!
Não odieis o mau: regenerae-o!
Ao que vive captivo, libertae-o!
E levae a alegria ao que está triste! . . .

- O Odio é noite! Só o Amor é luz!
- O Odio é morte! Só o Amor é vida!
- Amae! que a estrella de alva já reluz
e a amar nos convida!
- E, como á Magdalena amou Jesus,
amae mesmo o ladrão, mesmo o homicida!

Se a Magdalena, porque muito amou,
viu toda a sua infamia resgatada,
para quê odiar o que peccou? . . .

Sua alma pelo Amor será curada . . .

(Dos *Abalos Sociaes*)

HELIDORO SALGADO.

A condição do milagre é a crudelidade da testemunha. Nunca se produziu milagre na presença d'aquelles que poderiam discutir-o ou critical-o. Não ha n'isto uma unica excepção.

RENAN.

Cruz e Espada

(INEDITO)

QUANDO OS caudilhos do amor e da justiça deixarem de perfilhar as ideias generosas de Tolstoï, o pensador insigne, mas para quem o sangue é um motivo de susto e Deus um motivo de respeito, e comprehendem que a emancipação dos povos, proveniente da evolução pelo estudo, apenas representa uma theoria sentimentalista, serão os primeiros a proclamarem a revolução, porque, quando o sangue é jorrado, não para sustentaculo de thronos ou realisação de sonhos de vaidade e de cubiça, mas para, á sua custa, os homens conquistarem todos os seus direitos e passarem, de bestas fustigadas, á cathegoria de seres pensantes e superiores, iguaes pelo nascimento e morte, pelas alegrias e dores, esse sangue, em vez d'um aspecto macabro, tomará o aspecto d'um balsamo purificador, assimilando-se os gemidos dos que tombam pela causa defendida, a hymnos festivaes que o echo irá repetindo, alegre, de monte em monte, de quebrada em quebrada.

Os homens, porém, não-de vergar sempre ao peso das vis correntes oppressoras, enquanto não lhes demonstrarem dia a dia, hora a hora e por todos os meios possiveis, os nomes dos seus maiores inimigos, para que, convencidos até á evidencia, os saibam odiar com todas as forças e banil-os sem escrupulos e sem receios, para que da queda d'esses monstros, surjam os fulvos clarões d'uma nova era de amor e liberdade.

Esses inimigos são dois, a caserna e o templo, imagens symbolicas do assassinato e da mentira.

Quando o homem, ainda o mais rustico, comprehenda que a espada o avilta, o escravisa e o obriga a matar os proprios filhos e irmãos e a queimar o proprio casal da sua aldeia para simples engrandecimento de meia duzia de magnates que buscam fortaleza e honras entre os cadaveres de homens robustos e productores, vilmente roubados aos carinhos das esposas e ás promessas das suas noivas, quando elles, pois, comprehendem isto, serão os primeiros a passearem, em marcha triumphal, as cabeças hediondas d'esses magnates, espetadas nas pontas das lanças, em vez de, como submissos carneiros, encherem as casernas onde impera o ocio e a devassidão, porque o soldado afastado da mulher e tendo caprichos genesicos como todo e qualquer homem, chega a prostituir-se como asquerosa rameira.

Quando elle comprehendem tambem que a cruz apenas representa uma farça e que,

nos templos, desde a cupula até ao mais ténue fumo de mirra, tudo é absurdo e indigno, que os altares são aleivosias e Deus um simples phantasma que se criou com o fim unico de, á sua sombra, e impondo-se-lhe um poder dominador, se usurparem dotas de donzellas e bens de viuvas, enchendo-as de fanatismo e medo com os castigos de um inferno imaginario, quando elle comprehender que esse Deus de tão espantosa omnipotencia nunca fez cessar, como lhe ordenava a sua misericordia infinita, todo o sangue derramado em seu louvor, desde as carnificinas do charlatão Moisés, até ás carnificinas do carnivaro Carlos IX na noite tragica da Barthelemy, o homem será o primeiro a fazer cair, em derrocadas assombrosas, esses edificios supersticiosos para, em seu logar, edificarem escólas onde seus filhos possam aprender as verdadeiras leis da humanidade, correndo, a ponta de chicote, o primeiro imbecil que deixasse de comer carne á sexta-feira e rojasse o focinho pelo chão em honra de qualquer santarrão pantomineiro e fabuloso.

E' necessario, pois, pôr de parte a ideia sentimentalista da conquista de direitos e de liberdades pela evolução proveniente do estudo, até chegar-se ao ponto inconcebivel de se encontrar um intellectual em cada campestino. O que cumpre, para bem da inteira humanidade, fazendo desaparecer odios de raças e divisões de terrenos, é mostrar-se-lhe a ignominia da espada e a vilesa da cruz, forçando-os á queda das casernas e dos templos por meio de derrocadas, de cujos escombros brotará, sem duvida, as sua mais completa liberdade e, portanto, o goso ineffavel de todos os seus direitos.

EDUARDO DE AGUILAR

No momento actual a indifferença em materia religiosa é quasi um crime.

As religiões foram em todos os tempos os maiores inimigos da humanidade; emudecer diante d'ellas é sancional-as tacitamente com o nosso silencio.

Por isso o verdadeiro revolucionario não pôde cruzar os braços diante de uma instituição, que ainda hoje é um dos maiores inimigos dos progressos da humanidade.

A. RODRIGUES.

Nós somos de tal modo construidos, que antes queremos que nos divirtam do que nos instruem.

BORGES CARNEIRO.

O momento psychologico

Bjoernsjerne Bjoernson

E' phrase consagrada, já agora, em todas as linguas. Quando o deputado Jaurés, francez, propoz convite simultaneo, em todos os parlamentos, aos respectivos governos para que todos se esforçassem por terminar a guerra Russo-Japónica, que toda a Humanidade acha terrivel pela sua carnificina inaudita e principalmente porque tem como theatro o territorio neutral d'um grande povo pacifico, territorio que é precisamente o objecto da lucta, então foram muitos, em verdade, os que viram a poderosa equidade de semelhante proposição.

A' hora actual, está destruido Porto-Arthur; a esquadra russa, lá, destruida também; destruido o exercito que ia em auxilio da praça; a opinião publica da Russia, favoravel á paz...

Chegou o momento «psychologico»?

Objecta-se nos parlamentos que ha que evitar as questões alheias. A guerra não nos toca.

Em realidade, toca directamente a todos os povos e, em especial, aos povos maritimos. Estes soffrem dia a dia grandes perdas. Porém, ainda não soffrendo directamente as consequencias da guerra mais que os povos que luctam, não são sufficientemente grandes as perdas indirectas que soffre toda a Humanidade?

Não ha que contar a diminuição do desenvolvimento do mercado, do trabalho, por uma série d'annos? Não podemos ajuntar a isso as perdas moraes? A brutalidade na maneira de pensar; a sangria da Mandchuria com o *virus* da mania criminal exercendo actualmente os seus estragos em volta d'um povo que não fez mal a ninguem; o sentimento de insegurança que provém do facto de vêr pouco menos que reduzido a nada, pela capacidade d'um momento, o trabalho millenario a favor da equidade e justiça; não são perdas excessivamente grandes? Só o dinheiro e a espada são os arbitros supremos, ficando supprimido o individuo; não ha mais que massas que vivem ou que morrem. Não constitue isto um atraso? não diminue a nossa fé no porvir? O mesmo que na familia quando um seu membro cae, se resente aquella da queda.

A guerra nos interessa a todos. Temos o direito de intervir.

Objecta-se, porém, que os belligerantes recusam anticipadamente toda a intervenção. E' certo?

Quando chega o momento psychologico, com frequencia acontece que o que antes parecia humilhante, surge acceitavel.

Ademais, os parlamentos teem um meio para evitar a guerra, queiram ou não os belligerantes,—e é pedir a applicação rigorosa da neutralidade —hoje vergonhosa e hypocritamente violada pelas grandes e pequenas nações. Se os belligerantes não obteem imprestimos, nem carvão, nem munições, nem navios acanhoados, ou, por outras palavras, *se a guerra não é sustentada pelos de fóra*, terminará.

Crêem firmemente os povos civilisados que, *agora*, é preciso que acabe a guerra; pois que os parlamentos manifestem a mesma vontade,—já que, *agora*, teem uma *Liga de Paz* todos os parlamentos.

Em todos os paizes ha animaes ferozes que tiram proveito da guerra,—tendo representantes seus nos parlamentos e contando com uma imprensa poderosa. Inutilise-os a chancellaria,—que o caso é fecundo e formoso; resolvendo-o, conquistará ao mesmo tempo uma força e um poder que hão-de immortalisal-a.

Tradução inédita de

ARTHUR DORIA.

Archivo internacional

O *Fornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, insere uma correspondencia da Allemanha, que convem aqui registrar. Refere-se o seu auctor a umas discussões travadas no «Reichstag» allemão, entre o chancellier d'aquelle imperio e um deputado socialista. Como se sabe, a Allemanha é um paiz onde o socialismo tem tomado um incremento pasmoso. Allí observa-se não só a liberdade de imprensa, como tambem a liberdade plena do orador. Assim, o chancellier Bülow accusa os socialistas de falarem constantemente mal do Estado, de Deus e de todos. Lê na tribuna um artigo de uma folha socialista de-Leipzig, onde os conservadores são tratados de salteadores, os catholicos de ladrões, os nacionalistas-liberaes de jesuitas e assim por diante. No grande imperio, hoje uma das nações mais civilisadas do mundo, a liberdade não tem limites: no nosso paiz, onde, primeiro que tudo, domina a vontade d'um homem, tudo

é cerceado: desde a liberdade de imprensa, que um togado com um gesto prohibe, como a liberdade de manifestar o pensamento, que um exilio cruel amordaça. Mas, apesar da completa liberdade que se manifesta na Allemanha, este paiz é hoje uma das nações mais cultas do Universo: a censura allí é muito limitada. No nosso paiz calca se a liberdade, para se elevar, com a glorificação d'um Prometheu, a horrivel censura. Louvores, porém, aos nossos estadistas: a Allemanha eleva-se, tornando-se uma potencia de primeira ordem; Portugal decae, tornando-se o *bobo* das nações civilisadas. E' aquelle o resultado da liberdade do pensamento; é este o resultado da oppressão exercida contra um povo.

Archivando

"Alma Portuguesa"

E' o titulo de um novo hebdomadario que se publica em Lisboa. E' distinctamente collaborado por academicos de differentes cursos dos estabelecimentos de instrução do paiz e universidades estrangeiras.

Batalhadores modernos que vêem á liça para combater a dominação brutal que opprime todas as classes, valem hoje tanto como outr'ora valiam os guerreiros audazes da Ala dos Namorados.

Ao nosso presado collega, novo como nós nas lides da imprensa, agradecemos com sincero jubilo a honra da permuta.

"Revista do Bem,"

Publicação quinzenal que sae á luz da publicidade em Lisboa.

Recebemos e agradecemos os dous ultimos numeros publicados.

E' a unica revista portugueza que conhecemos, que se propõe, independentemente, proclamar a paz, combater os costumes prejudiciaes e immoraes do nosso povo e guerrear as fórmulas banaes, que constituem os habitos ridiculos da sociedade de hoje.

Temos tambem sobre a nossa banca de trabalho os ultimos numeros publicados do *Mundo legal e judiciario*, magnifica revista dirigida pelo distincto publicista Fernão Botto Machado. Agradecemos.

Agradecemos a todos os nossos collegas que nos teem distinguido com a honra da sua permuta.